

«Um romance fascinante, com um enredo fabuloso.»

PUBLISHERS  
WEEKLY

Amor  
*em*  
Blackmoore

JULIANNE DONALDSON

TOP  
SEL  
LER

*Para os sonhadores de todos os cantos do mundo.*

# Capítulo 1

Lancashire, Inglaterra, julho de 1820

A cotovia entoava uma canção de mágoa. A andorinha canta no ritmo em dois tons de uma corrida. E a canção do melro é o assobio do regresso a casa.

Hoje foi a cotovia que me atraiu à janela. Interrompi as minhas andanças para trás e para diante no quarto, apoiei as mãos no para-peito e debrucei-me para a ouvir melhor. Por um breve momento, a minha inquietação acalmou, e escutei a história da cotovia, uma história de corações partidos e de mágoa, cujas notas finais nunca são felizes, por mais vezes que a ouça cantar.

Normalmente, eu apreciava o canto da cotovia mais do que qualquer outro. Hoje, porém, a sua mágoa enervou-me. Afastei-me da janela e virei-me compulsivamente para ver outra vez as horas no relógio da lareira. Amaldiçoei o lento arrastar do tempo neste dia em que não tinha nada para fazer além de esperar. Faltavam várias horas para o cair da noite, quando poderia dormir para depois acordar e partir para Blackmoore. Devia ser uma espera confortável para mim — afinal, aguardara toda a minha vida o momento de visitar Blackmoore. Porém, neste último dia, a espera parecia-me insuportável.

Abri o baú, retirei a partitura de Mozart que aí guardara nessa manhã e saí do quarto. Assim que saí, ouvi um choro. Atravessei

rapidamente o corredor e venci os degraus, dois a dois, parando acima daquele em que a Maria estava estendida.

— O que foi? O que se passa? — Debrucei-me sobre o seu corpo prostrado, imaginando toda a espécie de calamidades que poderiam ter atingido a minha irmã mais nova, enquanto eu deambulava sem rumo no meu quarto.

Ela virou-se, o rosto erguido para o teto, o cabelo negro e ondulado colado às bochechas húmidas, o peito a oscilar com a força dos soluços. Segurei-lhe o braço, sacudindo-a ligeiramente, e disse:

— Conta-me, Maria! O que aconteceu?

— O S... Sr. Wilkes foi-se embora e t... talvez nunca m... mais volte!

Recuei e fitei-a, interrogativa.

— A sério? Estás a chorar por causa do Sr. Wilkes?

Ela respondeu com um novo soluço.

Tirei o lenço do bolso e estendi-lho.

— Vá lá, Maria. Nenhum homem é digno desse desgosto todo.

— O Sr. Wil... Wilkes é!

Eu duvidava seriamente disso. Tentei limpar-lhe as faces com o lenço, mas ela empurrou-me a mão. Suspirei.

— Sabes, há lugares mais confortáveis para chorar do que as escadas.

Ela cerrou os punhos e gritou:

— Mamã! A Kitty está outra vez a ser má!

— Kate — corrigi-a. — E não estou a ser má. Apenas prática. Por falar nisso... — Estendi novamente o lenço para o rosto dela. — Como consegues respirar com tantos fluidos na cara?

Ela afastou o lenço com outro soluço.

— Leva o teu sentido prático para outro sítio. Não o quero.

— Claro que não queres — disse eu, já a perder a paciência. — Preferes chorar nas escadas por um homem que só viste cinco vezes.

Ela fitou-me, gritando:

— Mamã! A Kitty está outra vez a ser insuportável!

— Kate — voltei a corrigir, começando a irritar-me. — O meu nome é Kate. E a mãe nem sequer está em casa. Foi fazer visitas.

E, como te recusas a ser razoável, eu recuso-me a confortar-te. Agora, por favor, desculpa. Tenho um concerto de Mozart para praticar.

Ela fixou o olhar no meu e recusou mover-se sequer um milímetro, obrigando-me a segurar-me ao corrimão e a saltar por cima dela para chegar ao fundo das escadas. Abanando a cabeça com tristeza, entrei no salão e fechei a porta firmemente atrás de mim. No momento seguinte, outro dos gemidos da Maria ergueu-se, sonoro, e a minha gata, que estava sentada sobre o piano, arqueou as costas e miou. Lancei-lhe um olhar de censura.

— Oh, tu também, não!

Há muitas maneiras de tocar mal Mozart, e apenas uma de o tocar bem. Mozart deve ser tocado com a mesma exatidão com que se resolve uma equação matemática. A música deve marchar de forma regular, cada nota como um soldadinho obediente, ocupando apenas o espaço de tempo que lhe foi atribuído. Em Mozart não havia espaço para a influência perturbadora da paixão. Não havia espaço para uma gata chamada *Cora*, que me arranhou o ombro ao tentar fugir do barulho. E, certamente, não havia espaço para irmãs a gemerem do outro lado da porta do salão, precisamente no momento em que eu tentava praticar. Após alguns minutos a tentar tocar por cima do choro da Maria, eu estava, definitivamente, a tocar da maneira errada, batendo nas teclas com tanta paixão que parti uma unha.

— Caramba! — murmurei, quando outro soluço chegava do corredor. Inclinei a cabeça para trás e gritei por cima do barulho. — Mozart não pode ser tocado assim! É um insulto ao seu génio musical!

Ouvi passos rápidos do outro lado da porta, e os soluços da Maria transformaram-se num discurso quase incompreensível.

— A Kitty foi tão insuportável, mamã! Não tem qualquer compaixão pelo meu coração partido, e mandou-me ir chorar para outro sítio, quando qualquer pessoa podia perceber que eu não escolhi um sítio para chorar; simplesmente *precisei* de chorar, e, por acaso, estava perto das escadas quando o impulso me atingiu e...

— Oh, agora não, Maria!

Ao ouvir o som da voz da minha mãe, a *Cora* saltou dos meus ombros para o chão. Correu pela sala, uma mancha de pelo cinzento,

e escondeu-se debaixo de uma cadeira. No momento seguinte, a porta abriu-se e a minha mãe entrou. Não parara sequer para tirar o chapéu, e o seu peito arfava quase violentamente com a sua respiração acelerada.

— É verdade? — Colocou uma mão sobre o peito ofegante. — Isto poderá ser verdade, Kitty?

— Kate — recordei-a, continuando a tocar. Mozart exigia concentração, e, agora que os soluços da Maria haviam diminuído para queixumes, tencionava aproveitar bem a calma relativa.

A minha mãe aproximou-se de mim, os seus sapatos a produzirem estalidos sonoros no chão de madeira, e arrancou a pauta de cima do piano.

— Mãe!

Pus-me de pé, tentando recuperar a pauta, mas ela recuou e segurou-a por cima da cabeça. Só então consegui ver-lhe bem o rosto, e o meu coração acelerou de medo.

— É verdade? — voltou ela a perguntar, em voz baixa e trémula. — Recebeste uma proposta de casamento do Sr. Cooper e rejeitaste-a? Sem sequer me consultares?

Engoli o meu nervosismo e encolhi os ombros, tentando parecer casual.

— O que havia para consultar? Eu já lhe disse o que penso do casamento. — Tentei tirar-lhe a pauta, mas ela segurou-a ainda mais alto, aproveitando-se do facto de ter mais cinco centímetros do que eu. — Além disso, era o Sr. Cooper! Que já está com os pés para a cova! Não deve durar nem mais um ano, na melhor das hipóteses.

— Tanto melhor! Tomara eu que todas as minhas filhas tivessem tanta sorte! Como pudeste desperdiçar esta oportunidade, Kitty?

O meu lábio superior encurvou-se, denunciando a minha repulsa.

— Já lhe disse muitas vezes, mãe. Não tenciono casar-me com ninguém. Agora, por favor, dê-me a minha pauta. Decerto quererá que eu toque bem em Blackmoore.

Ela cerrou os lábios, ficando com as faces vermelhas, e atirou as folhas de música ao chão, onde se espalharam e dobraram, como asas de pássaros feridos.

— Mãe! O Mozart! — Acocorei-me, apressando-me a recuperar as pautas.

— *Oh, mãe!* — A voz dela era aguda e trocista. — *O Mozart!* — Sacudiu as mãos em torno do rosto. — *Mãe, eu não quero fazer nada sensato, como casar bem. Mãe, eu só quero ir para Blackmoore e tocar Mozart e desperdiçar todas as oportunidades duramente conquistadas.*

Ergui-me, com as folhas de música encostadas ao peito e o rosto quente.

— Não creio que os meus objetivos, ainda que diferentes dos da mãe, se possam qualificar como um desperdício...

— Os teus objetivos! Oh, essa é muito boa! — Pôs-se a caminhar diante de mim, os sapatos a estalarem sonoramente a cada passo, como se pudesse pisar também a minha vontade e a minha voz. — Quais são exatamente os teus objetivos?

— A mãe sabe bem quais são — murmurei.

Ela parou diante de mim, com as mãos nas ancas.

— Que objetivos? Desiludir? Desperdiçar recursos preciosos? Tornares-te uma velha solteirona, como a tua tia Charlotte? — As suas sobranceiras negras franziram-se sobre os olhos. — Foi para isto que investi em ti? Para não ganhar absolutamente nada em troca, além de uma rapariga tola que apenas se importa com Blackmoore e Mozart?

Ergui o queixo, esforçando-me por não o deixar tremer.

— Isso não é verdade! Importo-me com mais do que isso. Importo-me com a Índia, e importo-me com o Oliver, e...

— Oh, não me venhas com a Índia, menina! Basta! — Ela levantou os braços, e eu estremei involuntariamente. — Não posso acreditar que a Charlotte se atrevesse a convidar-te contra a minha vontade. A Índia! Como se não fosses já um fardo suficiente para mim, com a tua obstinação e a tua...

Deu meia-volta e avançou na minha direção. Obriguei-me a não estremecer. Abracei Mozart de encontro ao peito e ordenei ao meu queixo que permanecesse empinado. Sustive o olhar dela.

— Isto acaba aqui! — disse-me, erguendo um dedo e abanando-o diante da minha cara. — Estou farta da tua teimosia. Vou mostrar-te que sei o que é melhor para ti, e começarei agora. Não irás para a Índia.

Escreverei à tua tia Charlotte e eu própria lhe direi que tomei, finalmente, uma decisão. E... — Segurou-me o queixo, empurrando-o para me fechar a boca, que se abria num protesto automático. Aproximou-se tanto, tanto, que eu sentia o seu hálito a chá, e sussurrou: — E não irás para Blackmoore. Ficarás aqui e aprenderás qual é o teu lugar. E não te dês ao trabalho de falar nisto ao seu pai, ou terás ainda mais sarilhos.

Soltou-me com um floreado e uma luz de triunfo a brilhar-lhe nos olhos escuros.

Abanei a cabeça, com o coração a bater com força.

— Não, mãe, por favor! Blackmoore, não. Por favor, não me tire Blackmoore...

— Não? Não? — Ela ergueu um dedo, silenciando-me com o seu olhar duro, e prosseguiu em voz baixa. — Vai para o teu quarto e desfaz as malas, Kitty.

Olhei-a nos olhos. Eram da cor de uma velha armadilha enferrujada que eu encontrara na floresta quando tinha 7 anos. Com um coelho preso nos seus dentes. O pobrezinho já não se debatia quando o encontrei, mas ainda respirava e viu-me. Os seus olhos mexeram-se quando me debrucei sobre ele. Tentei freneticamente libertá-lo, mas o velho metal enferrujado não cedeu às tentativas dos meus dedos.

Em desespero, acabei por correr até à mansão dos Delafields e arrastei o Henry para a floresta. Ele olhou para o coelho. Abanou a cabeça. Pegou numa pedra grande e mandou-me virar de costas e tapar os ouvidos. Chorei, mas obedeci.

Momentos depois, a sua mão pousou no meu ombro, e eu abri os olhos e baixei os braços. Ele disse que o coelho já não sofria. Disse que era o melhor que podíamos fazer pelo pobrezinho. Calculei que o Henry se desfizera da armadilha. Nunca mais voltei a vê-la, embora passasse quase todos os dias na floresta. Mas nunca me esqueci de como era. Não consegui esquecer os dentes grandes, a cor enferrujada e a tenacidade do seu aperto.

Neste momento, via a mesma tenacidade fria nos olhos da minha mãe. Ela tirar-me-ia Blackmoore e a esperança de ir à Índia, e eu não podia fazer nada para a impedir. Não valia a pena tentar convencê-la

do contrário, nem tinha hipótese de me libertar da sua vontade. O desespero golpeou-me como punhos a que não podia esquivar-me.

— O meu nome — disse em voz baixa — não é Kitty. É Kate! — Avancei, passando por ela, tirei a gata de debaixo da cadeira e saí da sala sem chorar. Tropecei na Maria, pois esquecera-me de que ela estava estendida nas escadas, e caí sobre ambos os cotovelos, não deixando de segurar a *Cora* e Mozart.

Não chorei, apesar de a dor me ter subido pelos braços e de a *Cora* me ter arranhado a bochecha, num esforço para se libertar. Não chorei quando me levantei, com a Maria a gritar-me para que visse onde punha os pés, nem enquanto subi a correr o resto dos degraus, atravesssei o corredor até ao último quarto à direita e tranquei a porta atrás de mim.

Pousei a *Cora* no chão e atirei as folhas de música para cima da cama. Os meus cotovelos e joelhos latejavam, mas a dor retorcida e impotente do meu desespero gritou mais alto do que qualquer dor física. Agarrei os cabelos com ambas as mãos e andei para trás e para a frente, combatendo a urgência de chorar. Eu devia ter previsto algo deste género. Era tão típico da minha mãe, intrrometer-se e estragar tudo, precisamente quando eu achava que iria concretizar por fim o desejo do meu coração. Contudo, ainda mais enfurecedor do que a interferência da minha mãe, era o facto de eu ser totalmente impotente. Aos 17 anos, estava engaiolada naquela casa de pedra e de vidro, com sentimentos endurecidos e expetativas que nunca concretizaria.

Um grito abafado arranhou-me a garganta. Fui possuída por um desejo avassalador de destruir qualquer coisa, o que me causou um choque e me fez imobilizar. Da última vez que cedera a um impulso destes, arrependera-me amargamente. O meu olhar descaiu para a tábua solta por baixo da janela. Olhei para o baú de madeira, aos pés da minha cama. Estava trancado há tanto tempo! Mas não tinha nada a perder se verificasse agora o seu conteúdo.

As minhas mãos tremiam ao tentar arrancar a tábua solta debaixo da janela, até que esta, com um rangido de protesto, se libertou. Mergulhei a mão no buraco, arranhando as pontas dos dedos na velha madeira lascada, e os meus dedos fecharam-se em torno do metal

macio da chave. Ajoelhei-me diante do baú de madeira e olhei para a fechadura, que não abria há anos. Finalmente, respirei fundo, introduzi a chave, rodei-a e levantei a tampa.

Lá de dentro, ergueu-se o aroma do cedro. Cheirava à minha infância, a segredos. Sustive a respiração ao retirar a maquete de dentro do baú. Era mais pesada do que eu me lembrava. Pousei-a no chão, depois fechei o baú e coloquei-a cuidadosamente lá em cima.

Sentando-me sobre os calcanhares, observei a maquete de madeira com um misto de admiração e de arrependimento. Era sempre assim. Amava-a e lamentava-a ao mesmo tempo. Amava-a por aquilo que era. Lamentava o que lhe fizera. Com um dedo, tracei cuidadosamente o perfil do telhado, detendo-me ao chegar ao ponto em que estava destruído, um buraco com madeira lascada no cuidadoso trabalho artesanal. Levantei o dedo para não sentir a parte arruinada e voltei a pousá-lo onde a maquete estava inteira.

— Isto é Blackmoore — murmurei para mim mesma. — Tem 35 quartos, 12 chaminés, três andares, duas alas...

## Capítulo 2

QUATRO ANOS ANTES

— **A** coisa mais difícil de suportar é que tu visitas Blackmoore todos os verões, e eu não fui lá uma única vez! Pensei que pedirias à tua mãe que me levassem este ano.

A minha melhor amiga, a Sylvia, sentada junto da janela, observou-me de testa franzida.

— Eu sei — disse ela, estendendo-me uma mão reconfortante, que eu dispensava. — Desculpa, Kitty! Sabes que pedi dezenas de vezes à minha mãe para ires connosco. Ela recusou. Mais uma vez.

— Mas porquê? Sei que Blackmoore tem muitos quartos de hóspedes. Eu não como muito. Não iria estorvar. Porque é que ela recusou? — Os meus passos levaram-me para um lado do quarto e de volta, mas a Sylvia continuou sem me responder. — Ela tem alguma coisa contra mim? Foi por isso que não fui convidada?

— Não sei — disse-me, encolhendo os ombros e abanando a cabeça.

Atirei-me para cima do canapé, ao lado dela, cobrindo o rosto com as mãos, e soltei um grito abafado. O cabelo caiu-me sobre os ombros numa nuvem negra. Ouviram-se passos, e depois a voz do Henry:

— Que gritaria é essa?

— A Kitty está triste por não ir para Blackmoore. Outra vez — respondeu a Sylvia, com um ar de paciência forçada que me fez sentar direita e deixar tombar as mãos.

— Vocês não compreendem. Nenhum de vocês. — Desviei o olhar dela para o Henry e novamente para ela. Ambos me observavam como se eu fosse ligeiramente louca. — Vocês sempre puderam lá ir, e eu nunca pude.

Eles não compreendiam como me sentia por ser deixada para trás todos os verões, desde que me lembrava. Não entendiam a minha sensação de sufoco quando os imaginava a explorar a costa e a charneca e a grande casa antiga com as suas passagens secretas, enquanto eu fitava as mesmas velhas paredes de pedra e as mesmas velhas sebes que conhecera toda a vida.

— Mas é só uma casa, Kitty — disse a Sylvia, olhando-me como se eu tivesse enlouquecido.

Abanei a cabeça.

— Não é só uma casa.

Porque não era. Pelo menos, para mim. Para a Sylvia, Blackmoore era somente a propriedade do avô, um sítio onde a família passava as férias de verão todos os anos. Para mim, contudo, representava abrir a gaiola onde eu vivera toda a vida. Na minha imaginação, seria um escape para tudo o que era igual e interminavelmente monótono na minha vida em casa.

— Então é o quê? — perguntou o Henry, os seus olhos cinzentos mais sérios do que era habitual. Fitava-me como se a minha resposta tivesse um significado importante.

— É aventura — declarei, e a palavra tinha um gosto de liberdade. — Eu nunca saí, sequer, do condado em que nasci. Nunca vi o oceano nem a charneca. E, todos os verões, vocês os dois trocaram-me por essa grande casa empoleirada num penhasco sobranceiro ao oceano, com a charneca atrás. E tu provocas-me. — Lancei ao Henry um olhar acutilante, e ele sorriu sem remorsos. — Provocas-me com rumores de fantasmas na charneca e passagens secretas e contrabandistas, e recusas-te a dizer-me se alguma dessas coisas é mesmo verdade. — Suspirei, murmurando em seguida: — Daria tudo para ir a Blackmoore.

— Tudo? — perguntou o Henry, com um olhar de dúvida. — Acho que estás a exagerar.

— Não estou a exagerar, Henry! Juro-te que daria tudo para lá ir!

— Como, por exemplo...?

Tentei pensar num exemplo adequado, que os fizesse ter noção da força dos meus sentimentos. Olhei para baixo. Os dedos das mãos não. Uma pessoa precisa dos dedos todos para tocar bem piano. Um dedo grande do pé? Ou talvez um dos pequeninos?

— Daria um dedo pequenino do pé para conhecer Blackmoore — declarei.

O rosto de Sylvia ficou lívido. Os olhos do Henry iluminaram-se de interesse.

— Um dedo pequenino do pé? — perguntou. — Não um dos grandes?

Mordi o lábio inferior.

— Não. Creio que os grandes são essenciais para o equilíbrio. Um pequenino. Talvez o mais pequeno de todos.

O Henry inclinou-se para a frente, com a malícia a avivar-lhe os olhos.

— E como farias para cortar um dedo pequeno?

— Henry! — interrompeu a Sylvia.

Ele estendeu a mão, acalmando-a, e desafiou-me com o olhar.

— Eu... pediria ao cozinheiro que mo cortasse.

A Sylvia mostrou-se horrorizada.

— Sangue? Na cozinha? Não, Kitty, não digas isso.

Tentei pensar corajosamente na ideia.

— Não seria assim tão mau. De certeza que, de vez em quando, há um pouco de sangue na cozinha, da carne crua, ou...

A Sylvia tapou os ouvidos com as mãos, abanando a cabeça.

— Não digas mais nada, suplico-te.

O Henry mal conseguia dissimular o sorriso, embora parecesse tentar.

— E o que farias tu depois com esse dedo pequenino, Kitty? Hum? Existe algum mercado onde se troquem dedos dos pés por viagens para Blackmoore?

A minha frustração não tardou a transformar-se em cólera. Peguei na almofada que estava ao meu lado e atirei-lha. Ele devolveu-ma com uma facilidade enfurecedora.

— Não sei se existe um mercado desses. Talvez tu me saibas dizer, visto que a propriedade de Blackmoore será tua, um dia. Hum? — Imita o seu irritante meio sorriso. — Existe um mercado para dedos dos pés? — Comecei a desatar a bota. — Porque o cortarei agora mesmo e pagar-te-ei a minha viagem para lá, e tanto me faz que o teu cozinheiro tenha objeções a fazer ao sangue na cozinha.

Os meus dedos trémulos não conseguiram desatar os laços que se tinham, não sei como, transformado em nós. Puxei-os sem êxito, de rosto quente, os olhos enevoados pela ameaça de lágrimas. Pisquei os olhos com força, semicerrando-os para o emaranhado de fitas, e, de repente, o Henry estava a saltar por cima da Sylvia, empurrando-a para um lado, para se sentar à minha frente. Segurou-me as mãos, afastando-as das botas.

— Kitty — disse ele, em voz baixa. — Para. Para. — Tentei libertar as mãos, mas sem grande vigor. — Desculpa — murmurou ele, aproximando a cabeça da minha. — Eu não devia ter-te provocado por causa de Blackmoore. Sei como te sentes em relação a isso.

As palavras dele tiveram, em mim, o efeito de água lançada sobre uma fogueira. Afastei as mãos das dele e cobri o rosto com elas, inspirando profundamente. Mais uma vez, reagira excessivamente. Era uma grande fraqueza minha. Era uma grande fraqueza de todas as mulheres Worthington. Agora, arrancada ao calor da minha cólera, sentia-me embaraçada. Mas não menos triste. Nem menos despojada. Nem menos frustrada. Por um momento, senti o Henry repousar uma mão na parte de trás da minha cabeça inclinada, muito levemente.

— Vá lá, Kitty. É melhor que não haja sangue hoje — disse ele, num tom ligeiro e adulator. — Em vez disso, vamos planear o que farás enquanto estivermos fora. Tens de planear uma grande aventura, para teres algo excitante que partilhar connosco quando voltarmos.

Deixei tombar as mãos e fitei-o.

— Sabes tão bem quanto eu que aqui é impossível ter uma aventura. Se isso fosse possível, já o teríamos descoberto! E, seja como for, não é divertido ter aventuras sozinha! — Cruzei os braços sobre o peito, amuada e ressentida. — Mas a minha pergunta é: porquê? Porque é que a vossa mãe nunca permitiu que eu fosse?

O Henry e a Sylvia ficaram em silêncio, apesar de eu aguardar a resposta fitando-os de maneira penetrante. Uma suspeita feia começou a rastejar-me para a mente, com os passos pesados do ciúme. Sussurrou na minha mente — uma questão tão odiosa que a minha boca se revirou para baixo, como se eu tivesse mordido algo amargo.

— A menina St. Claire estará de novo em Blackmoore?

A expressão relutante do Henry respondeu à minha pergunta. A Sylvia lançou-me um olhar cheio de piedade. A minha suspeita e os meus ciúmes riram-se com malícia, e instalaram-se numa posição mais confortável, como se planeassem ficar para uma longa visita. Os meus lábios reviraram-se ao imaginar o Henry e a Sylvia a passarem um mês em Blackmoore, e logo com a menina St. Claire.

— Isso prova que a vossa mãe não tem objeções a receber convidados. Apenas tem objeções em relação a mim.

— Não é nada pessoal, Kitty. Sabes que ela quer a menina St. Claire para o Henry...

— Sylvia! — O Henry lançou um olhar de aviso à irmã, que ficou boquiaberta.

— O que foi? Não é segredo nenhum. Sabemos isso há muito tempo!

Ninguém disse nada por um longo e desconfortável momento. Olhei para o tecido amarelo do canapé, pensando apenas no rancor que sentia por aquela menina St. Claire, que nem sequer conhecia.

O Henry virou-se para mim, tão repentinamente que dei um salto e fitei-o com surpresa. Os seus olhos cinzentos pareciam aço e, por um brevíssimo momento, vi algo nele que nunca tinha visto — uma vontade indomável.

— Um dia levar-te-ei a Blackmoore, Kitty. Prometo. — Segurou-me novamente a mão, apertando-a com força. — Dou-te a minha palavra.

Eu cerrei os lábios, silenciando a minha descrença. A Sra. Delafield conseguia sempre o que queria. Sempre. Se ela não me quisesse lá, eu nunca lá iria. Porém, como ele não parava de me apertar a mão, e porque começava a doer-me, apertei, por fim, também a dele.

— Muito bem — murmurei, desistindo da luta e sorrindo-lhe ligeiramente.

O mês seguinte passou tão lentamente que julguei que ia enlouquecer. Durante aquele longo mês de verão, entorpecida por tudo o que era sempre igual, pela indolência, pelo incessante vazio, sempre que pensava nos Delafields em Blackmoore com a menina St. Claire, cerrava os dentes e praguejava em surdina.

Finalmente, depois de tanto tempo, num dia exatamente igual aos outros, ouvi um criado dizer que os Delafields haviam regressado. Desci as escadas a correr, segurando-me ao corrimão para descrever a curva no primeiro andar, e saltei os três degraus finais, antes de reparar que a porta da frente estava aberta.

O Jameson, o nosso mordomo, espreitava lá para fora, tapando-me a vista.

Quando a surpresa me imobilizou, uma voz gritou:

— Se fores tu, Kitty, tapa os olhos!

O meu coração disparou ao som da voz do Henry. Inclinei-me, tentando ver em redor das costas do Jameson.

— Estou a falar a sério! Tapa os olhos, ou dou meia-volta e vou para casa agora mesmo, e nunca verás a tua surpresa!

Suspirei e pus uma mão sobre os olhos.

— Está bem. Estão tapados.

Tive de esperar demasiado tempo, enquanto um som de passos abafados passava por mim, para dentro do salão. Apenas o facto de acreditar na ameaça do Henry me fez manter os olhos tapados, pois eu não era uma pessoa paciente.

— Já posso olhar? — supliquei.

Em resposta, uma mão segurou a minha.

— Não, fica de olhos fechados — respondeu o Henry, falando muito junto ao meu ouvido. O meu coração matraqueou de excitação.

— Vem por aqui — disse, puxando-me pela mão.

Esbarrei numa parede, depois na ombreira de uma porta e em seguida bati com o joelho num móvel.

— Ai! Não podes conduzir-me com mais cuidado?

— Chiu! Não são permitidas reclamações. — O Henry soltou-me a mão e ficou atrás de mim, endireitando-me os ombros. — Agora. Já podes olhar.

Abri os olhos o mais depressa que consegui e fiquei a observar, sem compreender, a mesa diante de mim. O Henry levava-me para a sala de jantar, e, sobre a mesa, encontrava-se o que parecia a maquete de uma casa. Virei a cabeça para ele com o intuito de lhe lançar um olhar interrogativo e vi-o pela primeira vez. Passara apenas um mês, mas ele mudara. O cabelo estava mais comprido e mais escuro, em vez de mais claro. Ele voltava sempre de Blackmoore com o cabelo clareado pelo sol. Nesse ano, porém, estava mais escuro — um dourado-escuro que quase pedia que lhe chamassem castanho. As sardas tinham-se desvanecido no cimo das bochechas. Os olhos cinzentos, contudo, eram os mesmos, bordejados a preto. E, naquele momento, o seu sorriso era tão largo que me senti maravilhada ao vê-lo.

Ele contornou-me, apontando majestosamente para a maquete à nossa frente, e disse:

— Menina Katherine Worthington, apresento-lhe Blackmoore.

O meu coração batia com tanta força que até doía. Desviei o olhar dele para a maquete e novamente para ele, e, quando ele acenou com a cabeça, sorrindo, tombei de joelhos, ficando com a casa ao nível dos olhos. As janelas, a madeira pintada a imitar pedra, as portas principais, as chaminés. Estava tudo ali.

— Onde arranjaste isto? — perguntei, deslumbrada.

— Construí-a.

Ergui os olhos para ele, sem compreender.

— Construíste-a?

Ele respondeu com uma voz indiferente:

— O meu avô ajudou-me com o desenho. E a Sylvia ajudou-me no final, com a pintura. Mas a maior parte do trabalho foi meu.

Continuei a fitá-lo.

— Deve ter-te ocupado todas as horas de luz das tuas férias.

Ele encolheu um ombro, mas consegui perceber, pelo sorriso meio dissimulado, que eu tinha razão. E isso explicava a sua aparência. Eu compreendia o custo daquele projeto. Sabia que o Henry vivia para estar ao ar livre em Blackmoore. Sabia que passava os dias na charneca e na praia, e que adorava ir observar os pássaros com o jardineiro, e que apenas o maior dos incentivos o teria mantido dentro de portas o mês inteiro.

Eu estava assombrada, e, de repente, tive dificuldade em falar. Clareei a garganta.

— Não deve ter sobrado muito tempo para passares com a menina St. Claire.

Ele ajoelhou-se ao meu lado e esboçou um sorriso, com uma ruga a vincar-lhe a bochecha.

— Não. Não muito.

Acenei com a cabeça, mordendo o lábio. Não me atrevia a fazer-lhe a pergunta que estava ali, na ponta da minha língua. Mas queria saber — precisava de saber — se ele a construía para mim. Se a maquete significava alguma coisa. Se eu significava alguma coisa.

— Creio que estou em dívida para contigo, e que terei de arranjar uma maneira de te recompensar. — Respirei fundo, as faces quentes de constrangimento. — Visto que prescindiste das tuas férias e da menina St. Claire...

O Henry olhou-me de soslaio. Depois sorriu e disse:

— Não fiz isto por ti, Kitty.

— Não? — Fui percorrida por um alívio misturado com desapontamento.

Ele abanou a cabeça.

— Não, menina mimada e ingrata. Não foi por ti. — Aproximou-se mais, inclinando a cabeça e examinando a maquete. Depois segurou o minúsculo puxador da porta da frente. — Fi-la — murmurou ele, abrindo a porta em miniatura — pelos teus dedos dos pés.

Abafei um gritinho de deleite. Baixando a cabeça, espreitei pela porta da frente e vi um chão de quadrados pretos e brancos, uma lareira de um dos lados e um arco na extremidade da divisão, conduzindo a uma escadaria. Mordi o lábio para evitar sorrir e depois pestanejei para evitar chorar. Aquilo era, simplesmente, demasiado.

— Os meus dedos agradecem — sussurrei finalmente. Sentia a extensão do sorriso do Henry mesmo sem olhar para ele. Era como um raio de Sol na minha cara, e as minhas faces aqueceram.

Então, ele apontou para a maquete e disse:

— Tem quartos, chaminés, duas alas, uma estufa, um estábulo e uma vista magnífica. Existe, alegadamente, um corredor secreto

que foi outrora utilizado pelos padres durante a Reforma Protestante, embora eu não negue nem confirme, pois certamente acharás mais interessante e misterioso ter algo em que cismar.

Desviei o olhar da maqueta para ele. Falava depressa, mencionando que a biblioteca continha mais de três mil livros. Mas eu só conseguia ver o Henry, com a luz a incidir nos seus olhos cinzentos, e a mancha de sardas desvanecidas no cimo das suas bochechas bronzeadas, e o seu cabelo louro-escuro a tombar-lhe sobre a testa, e o tique nos seus lábios quando ele sorria e falava ao mesmo tempo.

— Dá para o mar, e atrás fica a charneca — prosseguiu ele. — Agora já sabes. — Na sua voz soou uma nota de triunfo. — Agora sabes exatamente como é Blackmoore. Um dia vê-la-ás com os teus próprios olhos, como te prometi. — Fitou-me, com um sorriso caloroso. — Até lá, podés ficar com isto.

## Capítulo 3

### NO PRESENTE

Ouvi bater à porta — duas batidas, uma pausa, mais duas batidas. Era o código do Oliver. Olhei repentinamente para cima, despertada do meu estado sonhador. Mais quatro batidas. Ainda era o Oliver. Abri a porta, cuidadosamente; só uma nesga, para ele não poder ver o interior do quarto — para não poder ver a maquete de Blackmoore destruída.

O Oliver estava junto à porta, os cabelos castanhos a penderem sobre os olhos cor de avelã. Precisava de um corte de cabelo. Tinha de falar nisso à Cook.

— O que se passa? — perguntei, esperando que ele não se apercebesse da minha perturbação. Ergui os cantos dos lábios, tentando sorrir-lhe, algo que não teria feito por mais ninguém. Ele fez um gesto para que me aproximasse, curvando um mindinho sujo. Inclinei a cabeça e ele sussurrou-me sonoramente ao ouvido.

— O Sr. Cooper vem cá jantar.

Recuei.

— Não!

Ele assentiu com a cabeça.

— Ouvi a mãe dizer à Cook.

Aquele repugnante Sr. Cooper, que eu rejeitara, estava de volta? A mãe devia ter-lhe dado uma razão para regressar. Devia tê-lo levado

a pensar que eu mudara de ideias. Então era isso. Eu tinha mesmo de fugir.

— Obrigada, Ollie — murmurei.

Ele estendeu uma mão.

— Tens um *penny*? Para um doce? Por favor?

Esboçou-me um sorriso tão triunfal que não consegui resistir-lhe. Tirei dois *pennies* da minha bolsinha e pus-lhos na mão. Antes de ele a recolher, segurei-a e virei-a; depois estalei a língua, de modo reprovador.

— Vai limpar as unhas, homenzinho! Estão atrozes.

Ele riu-se, os olhos iluminados por um brilho velhaco.

— Gosto delas atrozes — disse, largando a correr e segurando as moedas, e eu não pude deixar de sorrir ao ouvir ao seus passos ruidosos a estalarem nos degraus de madeira.

Era a única pessoa de quem eu sentiria a falta quando partisse amanhã para...

Interrompi os meus pensamentos. Não. Eu, na verdade, já não iria para Blackmoore no dia seguinte. Fui novamente abalada pelo desespero. Não iria para Blackmoore e teria de suportar a companhia do Sr. Cooper ao jantar? Era demasiado.

Nesse momento, o som de um assobio ergueu-se no ar e encheu o quarto. Era o canto de um melro. Corri à janela, pousei as mãos no parapeito e debrucei-me para olhar. O Henry estava por baixo da minha janela, com as mãos em concha em volta da boca, a assobiar.

— Já instalei o alvo — disse ele. — Vem disparar comigo.

Levei um dedo aos lábios, a pedir silêncio, e voltei para o interior do quarto. Apressei-me a guardar a maquete dentro do baú, fechei-o bem e guardei a chave no esconderijo, voltando depois à janela. Passei uma perna por cima do parapeito.

— O que é que estás a fazer? — gritou o Henry lá de baixo.

— És capaz de falar mais baixo, por favor? — sussurrei ferozmente, passando a outra perna por cima do parapeito. — O que te parece que estou a fazer? Estou a fugir de casa.

— Não, Kate. Pela janela, não. Usa a porta, como uma pessoa normal.

— Não posso. A minha mãe vai ver-me. — Segurei-me, agarrando-me à parte de dentro do parapeito e encostando a barriga à madeira. — Ficou um bocadinho mais difícil desde que a treliça se partiu, no ano passado. — Nesse momento, a *Cora* decidiu explorar a minha situação difícil e saltou-me para a cabeça. — Oh, não! Agora não! — exclamei eu. — Sai daí!

Porém, após espreitar por cima da minha cabeça, ela começou a descer, lenta e elegantemente pelas minhas costas. O Henry riu-se.

— A culpa é tua — murmurei. — Ela quer cumprimentar-te.

Nesse momento, a *Cora* pareceu decidir que a inclinação era demasiado desconfortável e cravou-me as unhas nas costas e nas pernas. Retorci-me com a dor aguda e ela desequilibrou-se. Miou pateticamente, debatendo-se para se agarrar a qualquer coisa, mas sem sorte. Olhei por cima do ombro para a ver dar uma volta no ar antes de cair. O Henry agarrou-a antes de ela chegar ao chão.

— Muito bem! — elogiei eu. Ele pousou a gata no chão, estendendo, depois, os braços para mim.

— Salta que eu apanho-te — disse, enquanto eu continuava à procura do meu ponto de apoio habitual.

— Não, não preciso de tanta ajuda. Deixa-me encontrar o ponto de apoio e depois dá-me a mão...

— Importa mesmo a quantidade de ajuda que te dou? Vou ajudar-te, de qualquer maneira. Deixa-me apanhar-te.

— Uma mão será suficiente.

Ele murmurou qualquer coisa. Encontrei a falha na pedra, enfiei lá a biqueira da bota e deslizei as mãos para a parte de fora do parapeito.

— O que é que estás a resmungar? — perguntei.

— Teimosa. Estava a resmungar acerca de uma rapariga teimosa que conheço.

Ouvi o som de passos pela janela por cima de mim. A minha mãe vinha falar comigo e, pelo ruído forte dos seus passos, continuava zangada. Ouvi uma batida sonora na porta do meu quarto. Nesse momento, lembrei-me de que não voltara a trancá-la depois de a ter aberto ao Oliver. Afastei-me da parede e larguei-me. Sabia que o Henry me agarraria. Vi-o, pelo canto do olho, lançar-se para a frente.

Segurou-me pela cintura a tempo de me amortecer a queda. Tropecei ao aterrar, mas ele pôs-me de pé e correu comigo até dobrarmos a esquina da casa. Encostei-me à parede de pedra e tentei acalmar a respiração.

— Kitty? Kitty! — A voz da minha mãe chegou-nos através da janela aberta.

O Henry baixou o olhar para mim, e a sua expressão divertida tornou-se, de súbito, preocupada.

— Estás perturbada — disse ele. Cerrei os lábios, recusando-me a confirmar ou a desmentir a sua afirmação. Ele semicerrou os olhos. — O que é que te perturbou?

— Kitty! — Novamente o grito da minha mãe, agora mais alto. — Katherine Worthington! Responde-me imediatamente! Se saltaste outra vez pela janela...

No instante seguinte, o Henry saiu do meu lado e contornou a casa. Em pânico, estendi a mão para o segurar e deter, mas ele já estava fora do meu alcance. Só podia ficar quieta e esperar, cheia de nervos. A *Cora* enrolou-se nos meus tornozelos, a miar, e eu peguei nela para a calar.

— Oh! Henry! — A voz da minha mãe revelava um tom de prazer. Imaginava-a a ajeitar o cabelo e a debruçar-se mais à janela. Imaginava-a a sorrir ao Henry, que erguia o rosto para ela. — Estava agora mesmo à procura da Kitty. Não a viste, por acaso?

— Hoje não. Terá ido à cidade?

— Hum. Talvez tenhas razão. Vou já mandar um dos criados. Obrigada, Henry. És um rapaz muito querido. — Fez uma pausa. Depois, riu-se, e prosseguiu num tom mais baixo e gutural. — Oh, céus! Mas já não és um rapaz, não é verdade? E não há dúvida de que estás cada vez mais bonito. — Fechei os olhos, doente de vergonha. — Tens de vir cá jantar esta noite. Não sei quantas vezes já disse à Kitty para te convidar, desde que a tua mãe e a Sylvia partiram para Londres, mas ela está sempre a falhar-me. Quero-te aqui, querido Henry. — A voz dela era lasciva. — Quero-te muito.

A *Cora* miou, retorcendo-se nos meus braços, e percebi que estava a apertá-la — quase a estrangulá-la. Aliviei a pressão, mas não a deixei

ir, enterrando a cara no pelo dela. Desejei poder enterrar-me toda em algum lugar distante, longe da minha embaraçosa mãe.

— Agradeço o convite, Sra. Worthington, mas tenho de recusar. O George convidou os Farnsworths para jantar esta noite, e estão a contar comigo.

— Oh! — A voz dela adotou um tom queixoso. — Tenho a certeza de que o teu irmão e a tua cunhada poderão muito bem passar sem ti uma noite.

— Lamento. Talvez outro dia. Se me dá licença...

— Com certeza. Mas vou obrigar-te a cumprir a promessa. Uma destas noites, Henry, estarás ao meu lado.

Um momento depois, o Henry virou a esquina e estava diante de mim. Fitei-o, cheia de medo. Tinha as faces vermelhas e os lábios cerrados, como se se esforçasse muito para não dizer algo. Porém, os seus olhos, quando olhou para mim, eram apenas gentis. A linha da sua boca suavizou-se, e ele dirigiu-me um sorriso rápido.

— O alvo, como eu estava a dizer, está instalado, e acho que fiz com que a tua mãe te perdesse o rasto. Vens?

Tremi de cólera e de vergonha, e desejei poder pedir-lhe desculpa pela minha mãe. Porém, se o fizesse, estaria a reconhecer o seu comportamento, e eu não podia fazer isso. Pus a *Cora* no chão.

— É exatamente disso que preciso neste momento.

Assegurei-me de que ninguém me via das janelas próximas, enquanto eu e o Henry coríamos para a floresta, com a gata atrás de nós. A clareira ficava quase exatamente a meio caminho entre as nossas casas. Quando lá chegámos, o Henry tirou o casaco e pendurou-o num ramo de árvore. O alvo estava instalado ao lado do grande ácer. Dois arcos e duas aljavas estavam pousados num grande cepo. Estava tudo como devia ser — como estivera sempre todos os dias que passáramos naquela clareira a praticar arco e flecha. Contudo, eu sentia-me tão zangada com a minha mãe que duvidava que conseguisse acertar em alguma coisa.

Peguei num arco e numa aljava. Ao meu lado, o Henry observava-me em silêncio. As minhas mãos tremiam de raiva. Respirei fundo, erguendo o arco e fitando o alvo. Soltei a flecha. Voou para longe.

Não foi nenhuma surpresa, mas olhei furiosamente para o insultuoso alvo.

O Henry colocou uma flecha no arco, puxou-a para trás e focou o alvo com os olhos semicerrados. O sol refletia-se no seu cabelo. Soltou a flecha. Acertou no alvo com um estalido de satisfação. Ele nunca falhava.

— Já estás preparada para falar? — perguntou.

Peguei noutra flecha e coloquei-a no arco, considerando a sua pergunta. Fitando o alvo, imaginei os olhos frios da minha mãe.

— É a minha mãe — disse-lhe, soltando a flecha, que bateu no rebordo do alvo. Patético.

— Obviamente — comentou o Henry. — Mas o que é que a tua querida mãe fez desta vez? — A sua segunda flecha acertou no alvo tão sonoramente quanto a primeira.

— É a mãe mais insensível do mundo! — respondi, pegando noutra flecha. — Não compreende os meus sonhos nem dá valor aos meus desejos. A única coisa que quer é que eu case. E tu sabes o que eu penso *disso*. — Disparei. Desta vez, a flecha enterrou-se na relva.

— Pois.

— Pois! — Peguei noutra flecha, chateada com elas, por não voarem devidamente, com o Henry, por estar tão calmo quando eu estava tão zangada, e com a minha mãe, por não me compreender. — Na verdade, quantas vezes já me ouviste jurar que nunca me casaria?

Ele esboçou um meio sorriso.

— Quantas vezes? Não as contei, Kate.

— Uma estimativa, então.

Ele suspirou.

— Está bem. Talvez duas dezenas de vezes, pelo menos, desde o último Natal. Mais umas 50 vezes no ano passado. Cerca de cem vezes, no total.

Senti-me realizada.

— E acreditas que sou séria na minha intenção?

— Sim, acredito — respondeu o Henry, cerrando os maxilares e fazendo pontaria.

— Vês? Tu compreendes-me *nesta* questão e és só meu amigo. Mas quem é do meu próprio sangue...!

Ele estremeceu, virando de repente a cabeça de lado, para mim, e deixando a flecha cair do arco. Baixou o arco e dirigiu-me um olhar penetrante, os seus olhos cinzentos brilhantes como aço. Depois, voltou a levantar o arco e a fitar o alvo.

— Só teu amigo? — Semicerrou os olhos para o alvo, com os lábios pressionados a formarem-lhe um vinco na bochecha. — Acho que mereço um título melhor do que esse.

— Por exemplo? — perguntei, fitando-o de lado.

— Oh, não sei. — Libertou a flecha. Voltou a acertar no centro do alvo. — Talvez «O Dador do Desejo do Meu Coração»?

Soltei uma gargalhada indignada.

— O Dador do Desejo do Meu Coração? — Um sorriso assomou aos lábios dele. — Nunca te chamarei isso! — disse eu, pegando noutra flecha.

— Porquê? Foi um título conquistado. Acho que me devias chamar assim sempre que me visses.

— Como pensas que o conquistaste? — perguntei.

— Dei-te a tua gata, que é a coisa que mais amas no mundo. — Apontou para a *Cora*, deitada na relva, perto de nós. — Assim sendo, dei-te o desejo do teu coração.

Ri-me desdenhosamente; depois, puxei o fio e lancei a flecha. Acertei no alvo. Finalmente! Sorri de satisfação.

— Nunca te chamarei O Dador do Desejo do Meu Coração. Isso é ridículo.

O Henry olhou para mim com um sorriso satisfeito.

— Olha... As tuas sobranceiras voltaram à posição normal.

— Não devias chatear-me por causa das minhas sobranceiras, lembra-te? Fizemos esse pacto há cinco anos.

— Foi um acordo no passado, que fizemos depois de tentares depilá-las com a navalha do teu pai. — Puxou o fio do arco, focando o alvo.

A boa forma do Henry era algo que eu sempre admirara, mas nunca tanto quanto agora. Aos 20 anos, as suas costas eram mais largas,

os ombros mais fortes do que nunca. Os músculos dos braços eram protuberantes; cordames de luz e de sombra. Tinha outra vez aquele vinco na bochecha — aquele vinco que era mais uma ruga do que uma covinha, e tive de desviar o olhar. Ouvi a flecha dele acertar no alvo ao dobrar-me para pegar na última das minhas.

A minha última flecha acertou no centro do alvo, e soltei um suspiro de alívio. Assim estava melhor. Recuperara a minha pontaria. Pousei o arco e aproximei-me do alvo com o Henry. Depois de arrancar as minhas flechas e de recolher as errantes, encaminhei-me para o grande ácer, que ficava de um dos lados da clareira. Era tão alto que até os seus ramos mais baixos ficavam muito acima da minha cabeça. Encostei-me à sua familiar cortiça manchada e suspirei profundamente. Controlara o mau feitio, mas o ressentimento e a mágoa ainda ardiavam dentro de mim.

O Henry aproximou-se, encostando-se também à árvore. Examinei as penas das flechas na minha mão, desejando, não pela primeira vez, poder voar para fora dali. Senti o olhar do Henry sobre o meu rosto.

— O que é que está a consumir-te verdadeiramente, Kate? — perguntou em voz baixa. — Esse problema com a tua mãe não é novidade. O que é que aconteceu hoje para te perturbar assim?

Acaricieei as penas das flechas entre os dedos, esforçando-me por conter uma nova ronda de lágrimas. Soltei um suspiro profundo, tentando controlar um pouco as minhas emoções.

— Ela disse que não posso ir para Blackmoore — acabei por confessar.

— O quê?! — A incredulidade dele misturava-se com a cólera. — Porquê?

Inclinei a cabeça para trás e cobri os olhos com a mão, dissimulando a minha luta contra as lágrimas.

— Está zangada comigo por ter rejeitado a proposta de casamento do Sr. Cooper.

— Do Sr. Cooper? — A voz do Henry soava abalada. — Mas esse homem é doente!

Ri-me um pouco, com uma lágrima a escorrer-me de um olho.

— Eu sei! — O meu estômago revirou-se quando recordei a sua mais recente visita. — Da última vez que o vi, tinha um penso na orelha. Porque é que ele tem sempre um penso numa parte qualquer do corpo?

— Não sei — disse o Henry, num tom de voz sério.

Fitei-o. Havia um tal ar de repugnância no seu rosto que desatei a rir.

— E o penso estava manchado... — continuei eu, vibrando de riso — num tom esverdeado.

O Henry abanou a cabeça.

— Cala-te! Não digas mais nada.

Eu estava a rir-me tanto que as lágrimas me rolavam pelas faces. Porém, estas fizeram-me lembrar das minhas verdadeiras razões para chorar, tornando-me mais contida.

— É completamente injusto — disse eu — que, quando finalmente convencemos a tua mãe a deixar-me visitar-vos, seja a minha mãe a impedir-mo.

Algo relampejou nos olhos dele — algo que o fez desviar o olhar por um momento.

— Tens toda a razão. — Suspirou. — Então... Creio que isto significa que a tua mãe ainda não aceitou o quanto tu és intrinsecamente teimosa. Ela acredita que ainda te pode convencer a casar? Que te pode transformar numa filha decente e obediente, hum? Entretanto, restabelecerá a ordem do universo?

Sorri tristemente.

— Algo desse género.

— Sabes, nunca me explicaste essa decisão de não te casares.

Abanei a cabeça. Por mais vezes que ele mo tivesse perguntado durante o último ano e meio, eu recusara-me a dar-lhe uma resposta.

— Hoje não, Henry. Temos batalhas mais difíceis a travar. — Fitei-o de relance, cruzando o meu olhar com o dele. — Tenho de conseguir ir para Blackmoore. Tenho mesmo — disse, suspirando. — Acho que ficarei zangada com ela para o resto da minha vida se me mantiver aqui.

Ele acenou com a cabeça, os olhos cinzentos e sérios, como se compreendesse perfeitamente a gravidade da situação. Se alguém a podia compreender, era ele. Afinal, construíra aquela maquete para mim. Limpei outra lágrima, e, desta vez, tive a certeza de que o Henry a viu.

Ele deu-me uma cotovelada.

— Então, não é preciso desesperar. Somos duas pessoas muito inteligentes, capazes de dar a volta a uma mãe, creio eu. — Afastou-se da árvore e pôs-se a deambular. — O que é que a tua mãe deseja, acima de qualquer outra coisa?

— Que eu me case — respondi imediatamente.

— No entanto, tu estás determinada a que isso não aconteça.

— Precisamente.

— Hum. — Mais deambulações. Depois parou e virou-se para mim. — Não podes fingir que *queres* casar? Dizes-lhe que haverá muitos cavalheiros elegíveis em Blackmoore e que podes arranjar lá um noivo.

Fitei-o com incredulidade.

— Não. Não vale a pena ganhar uma batalha se isso puser em risco a guerra. — Bati com as flechas na árvore, tentando obrigar-me a pensar numa solução. — Mas o que mais quer a minha mãe na vida? — Pensei por um longo momento; depois encolhi os ombros. — Nada. A minha mãe só vive para isto: casar as filhas. — *E seduzir todos os homens que puder*, acrescentei silenciosamente.

O Henry olhou para mim de forma penetrante.

— As filhas — repetiu vagarosamente. — No plural.

— Sim. Somos quatro. Três, se não contarmos com a Eleanor.

Ele sorriu.

— A Maria.

Fitei-o, sem perceber.

— Diz-lhe que a Maria também vai e que terá a possibilidade de arranjar noivo em Blackmoore.

Considerarei a sua sugestão, com grandes dúvidas.

— Que incentivo terá?

— Ver-se livre da Maria. Dar-lhe a possibilidade de arranjar um casamento. — Deteve-se, e um brilho malévolo iluminou-lhe os olhos. — Enraivecer a minha mãe.

Sorri de esguelha. A minha mãe e a Sra. Delafield haviam sido diplomaticamente inimigas nos últimos quatro anos, embora continuássemos a juntar-nos como famílias. Perguntei-me se o Henry conheceria as razões para não gostarem uma da outra. Eu nunca tocara no assunto com ele desde que descobrira o motivo da zanga. E, certamente, não seria eu a dizer-lho.

— Talvez resultasse — insistiu ele.

— Não sei se consigo convencê-la — respondi. — Ela parece tão determinada a castigar-me...

— E levar a Maria contigo não é um castigo?

Ri-me.

— Tens razão. É. — Mordi o lábio, pensando no plano do Henry, e tive de admitir que não dispunha de nenhum melhor. — Achas que a tua mãe colocará alguma objeção? Ou a Sylvia? — A Sylvia e a Sra. Delafield estavam em Londres há já quatro meses, a desfrutar da primeira temporada social da Sylvia, e iam encontrar-se conosco em Blackmoore.

O Henry abanou a cabeça.

— Nem um pouco. Há muito espaço para mais um.

Encolhi os ombros, e acabei por dizer:

— Vale a pena tentar, seja como for. Ela não me pode tirar nada que seja mais importante do que o meu sonho mais querido. — Entreguei-lhe as flechas. — Tentarei imediatamente, porque, assim, se este plano falhar, teremos tempo para pensar noutro.

Dei uma série de passos em direção a casa, antes de parar e me virar para trás.

— Henry... — Ele regressara para perto do alvo, mas voltou-se para olhar para mim. — És um bom amigo.

Ele abanou a cabeça, colocando uma flecha no arco e erguendo-o.

— Tenta outra vez, Kate. Diz: «És o Dador...» — Puxou a corda e fitou-me, como se esperasse que eu continuasse.

Ri-me.

— Nunca! Nunca te chamarei isso.

Ele sorriu, mas virou-se para lançar a flecha e acertar, com toda a facilidade, no centro do alvo. Ele nunca falhava.

UMA DELICIOSA HISTÓRIA DE AMOR  
QUE SUSCITA FORTES EMOÇÕES,  
AO ESTILO DE JANE AUSTEN.

Na Inglaterra do início do século XIX, espera-se que a principal ambição de uma mulher seja casar. Mas Kate Worthington conhece bem o seu coração e sabe que o casamento não está nos seus planos. O seu sonho é viajar até à Índia para encontrar paz para o seu espírito inquieto e se poder afastar da nefasta influência da sua família. Só que a mãe de Kate tem outros planos e propõe-lhe um acordo: Kate pode ir para a Índia, mas apenas se conseguir — e rejeitar — três propostas de casamento.

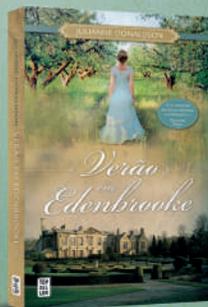
Kate viaja então até Blackmoore, uma imponente propriedade rural numa charneca junto ao mar, e pede ajuda ao seu querido amigo de infância, Henry Delafield, para alcançar os seus objetivos. Porém, quando se trata de assuntos de amor, os acordos significam pouco e os planos podem mudar. Ali, nas terras selvagens e misteriosas de Blackmoore, Kate terá de enfrentar a dolorosa verdade que há anos mantém o seu coração cativo.

Será ela capaz de rejeitar uma proposta que poderá revelar-se a única forma de libertar o seu coração?

«Os fãs de Jane Austen  
e das irmãs Brontë  
adorarão este romance leve  
e de agradável leitura.»

*Foreword Reviews*

LEIA TAMBÉM:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-16-4



9 789898 917164

Ficção Romântica